

## CONTATO DE LÍNGUAS: EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS EM KRAHÔ<sup>1</sup>

Midian Araújo SANTOS  
Universidade Federal do Tocantins /Campus de Araguaína  
mi\_dian\_karen@hotmail.com  
Francisco Edviges ALBUQUERQUE  
Universidade Federal do Tocantins /Campus de Araguaína  
fedviges@uft.edu.br

### RESUMO:

Este artigo discute o contato de línguas como um fenômeno que potencializa a ocorrência dos empréstimos linguísticos na língua Krahô do povo indígena da Aldeia Manoel Alves, no município de Goiatins, no Estado do Tocantins. Buscou-se traçar as motivações pautadas na observação participante com respaldo na pesquisa etnográfica. Nessa perspectiva, as contribuições teóricas que observam os deslocamentos de línguas fundamentarão as teses levantadas. Nesse sentido, far-se-á uma análise categorizando os empréstimos coletadas durante a pesquisa dando ênfase no processo de manutenção da língua Krahô. Nesse sentido, convém salientar que a entrada de empréstimos linguísticos pode evidenciar a obsolescência de línguas minoritárias quando em contato com uma língua de prestígio e oficial. Assim sendo, esta pesquisa é fundamental visto que contribui para os estudos sociolinguísticos, uma vez que serve como base para as reflexões acerca do fortalecimento linguístico do povo krahô e de fonte de análise e estudo para os pesquisadores quanto ao contato de línguas e suas consequências. Além disso, faz-se necessário ainda explicitar que esta pesquisa encontra-se em processo de andamento.

**Palavras-Chave:** Empréstimos Linguísticos; Krahô; Português; Contato de Línguas.

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo focaliza a ocorrência dos empréstimos linguísticos do Português (doravante L2) em Krahô (também denominada L1) do povo indígena situado na Aldeia Manoel Alves Pequeno, situada entre os municípios de Goiatins e Itacajá. Junto à comunidade indígena, analisamos e descrevemos os empréstimos linguísticos presentes nas interações orais e escritas. Nossa meta é compreender “como”, “por que”, “quais os empréstimos do Português em Krahô”. Com isso, serão necessárias as contribuições teóricas e metodológicas da Fonética

---

<sup>1</sup>Apoio: CAPES

e Fonologia, Sociolinguística, Etnografia e outras. Por intermédio desse processo procuramos contribuir para a Educação Escolar Indígena Krahô da comunidade indígena em foco.

Ressalte-se que a língua Krahô está afiliada à família Jê do tronco linguístico Macro-Jê (RODRIGUES, 1986 *apud* MESQUITA, 2009) sendo que este povo está distribuído em 27 aldeias. Homologada pelo Decreto-Lei nº 99.062, de 07 de março de 1990 a Terra Indígena Kraholândia estende-se em 320 mil hectares. Em consonância com o censo de 2010 da FUNASA, os indígenas totalizam 2.463 e se dividem nas aldeias de Manoel Alves Pequeno, Cachoeira, Forno Velho, Rio Vermelho, Mangabeira, Lagoinha, Morro do Boi, Pedra Furada, Galheiro, Aldeia Nova, Pedra Branca, Santa Cruz e Bacuri.

O povo Krahô de Manoel Alves Pequeno habita em terras com prevalência do cerrado e há também matas fechadas (Abreu, 2012). A aldeia é organizada de forma circular sendo que ao centro fica o pátio onde são realizadas as reuniões, os ritos e as festividades. As casas são construídas de palha de palmeira, rebocadas de barro, sem janela e, na maioria, não há compartimentos em seu interior. Da frente delas sai um caminho que leva para o pátio. Há uma casa construída de tijolo e cimento. Tem apenas um motor elétrico que funciona apenas no turno noturno priorizando o horário das aulas.

Ao ler “Linguística, Ecologia e Ecolinguística – contato de Línguas” de Hildo Honório do Couto (2009), “Observações de uma Sociedade Ágrafa em Processo de Aquisição da Língua Escrita”, de Renato Antonio Gavazzi (2009), “Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé”, de Albuquerque (2007), bem como a leitura da obra “Português Intercultural” do mesmo autor, e a leitura de “As Dimensões da Sociolinguística”, de William Bright (1974) foi-se tomando consciência da importância de um estudo que envolvesse os resultados dos contatos dos brasileiros que têm a Língua Portuguesa como veículo de comunicação diária e o povo Krahô da Aldeia mencionada. Os empréstimos linguísticos tornam-se, dessa forma, uma fonte de estudo indispensável para a percepção das mudanças na língua e nos usos realizados nos eventos comunicativos do povo indígena em foco.

A base teórica deste trabalho é formada também pelas contribuições das leituras dos textos “Da Língua que se tem à Língua que se quer: a educação escolar indígena e a sua língua de realização”, de Ferreira (1994), o texto “O Ikpeng em contato com o português: empréstimo lexical e adaptação linguística”, de Pacheco (2005). Também as observações em “Influências e Domínios de uma Língua sobre Outra(s)”, Monteiro (2010) dentre outras.

Este trabalho examina os empréstimos linguísticos do Português em Krahô; e, além disso, quer também se oferecer como mecanismo de investigação do processo de manutenção da língua Krahô. As entrevistas, a observação participante, a etnografia tem nos dado respaldo

para perceber em que circunstâncias esses empréstimos se inserem na comunidade e quando são postos em prática.

A investigação dos empréstimos linguísticos de L2 para L1 busca contribuir com a educação escolar bilíngue (Português-Krahô / Krahô-Português) visando definir as bases educacionais voltadas para o contexto sociocultural, político, linguístico e econômico dando o contorno de diretrizes que viabilizem o fortalecimento da autodeterminação e confirmação linguística do povo Krahô. Pretende-se também constatar as adaptações ocorridas fonético/fonológica e morfológicamente e seus significados na língua. Seguidamente, nosso trabalho objetiva também firmar-se como objeto de análise e constructo teórico indispensável para os estudos lexicográficos e sociolinguísticos, por focalizar um dos aspectos essenciais na formação identitária da comunidade em foco.

Este artigo se divide em introdução e mais dois tópicos sendo que o último possui um subtópico. No primeiro momento apresenta aspectos relacionados à concepção de empréstimos linguísticos e suas implicações nos domínios sociais<sup>2</sup> em que a língua Krahô é predominante, bem como as principais inquietações que contribuirão para a construção de trabalhos futuros; em seguida, colocamos em evidência as contribuições teóricas que favorecem a percepção da estruturação dos vocábulos emprestados de L2 para L1; mais adiante, no subtítulo, tratamos acerca dos tipos de empréstimos linguísticos coletados em Krahô. Os empréstimos apresentados neste trabalho compreendem 23 ocorrências. Estas compõem parte do corpus que coletamos quando em visita à Aldeia. Estes elementos emprestados são sequenciados por números indo-arábicos para facilitar a localização das lexias e expressões investigadas seguidas de transcrições fonéticas e traduções para o português.

## 2 EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Os empréstimos linguísticos constituem-se resultado do contato entre línguas. Esse fenômeno explorado em diversas pesquisas e publicações em todo o Brasil articula fatores socioculturais, históricos e linguísticos resultantes do contato entre povos (COUTO, 2009).

---

2 “Um domínio pode ser considerado como uma situação particular na qual ocorre uma determinada interação verbal. Por exemplo, uma interação entre pai, mãe e filhos ou entre irmãos e irmãs pertence ao *domínio familiar*, já uma interação entre professor e alunos pertence ao *domínio escolar* e assim por diante. Segundo Fishman (1968), existem algumas situações de fala que podem ser reconhecidamente agrupadas segundo a categoria de domínios como, por exemplo, o *domínio familiar*, o *domínio da escola*, o *domínio da igreja*, o *domínio do trabalho*, o *domínio da rua* ou *da vizinhança* etc.” (MELLO, 1996, p.36)

Segundo Sousa & Albuquerque (2012) as influências de uma língua sobre outra(s) e suas consequências são aspectos notados, no Brasil, desde a chegada de Anchieta; e pesquisados a partir da expulsão dos Jesuítas do Brasil e de outros lugares do mundo por volta do século XVIII. Fato este que legou um acúmulo significativo de escritos na língua Tupi e na língua basílica deixando arquivos em reserva como fonte de pesquisa e estudo dos contatos entre pessoas de língua e cultura diferentes.

Braggio (1998) traz considerações importantes para a definição de empréstimo linguístico. Ela faz entender que a definição deste fenômeno linguístico nas línguas indígenas, especificamente falando, possui as seguintes características:

- a) Empréstimo de elementos da segunda-língua para a sua língua (língua indígena) e vice-versa; (*idem, ibidem*, p. 159)
- b) O uso do empréstimo não fica restrito a um indivíduo do grupo indígena, mas é estendido ao grupo como totalidade; (*idem, ibidem*, p. 159)
- c) “é uma palavra ou pequena expressão que é adaptada fonológica e morfologicamente à língua sendo falada” (GROSJEAN *apud* BRAGGIO, 1998, p. 161);

Em geral, os povos minoritários têm suas fronteiras linguístico-culturais menos rígidas a assimilação de empréstimos de outra(s) língua(s). Com isso, a língua de uso entra em risco de perder seu lugar como língua viva e a este fator adiciona-se outra problemática, os elementos culturais, políticos e econômicos desses povos tornam-se ameaçados. Carvalho (1989, p. 42) afirma que o contato entre uma língua fonte e uma língua receptora “origina objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira (que) transferem-se para outra cultura”. Para esse caso, ela diz que o ‘sistema linguístico receptor apenas **acomodou** ou **adaptou**’ em seu sistema a novidade motivada por um elemento da língua importada.

Embora a língua Krahô seja considerada uma das mais resistentes, ainda são poucos os trabalhos lexicográficos existentes neste idioma, conforme Sousa & Albuquerque (2012, p. 197). Vale ressaltar que trabalhos deste tipo auxiliam na manutenção e conservação da herança linguística destes falantes. Este estudo se soma a esta meta quando se firma em prol da diversidade linguística na produção de investigação que descreverá os processos de aquisição dos empréstimos linguísticos e suas formas de entrada na língua Krahô. Dessa forma, se perfaz como uma valiosa produção acadêmica para a educação escolar indígena visto que fornece conhecimento sistematizado aos professores bilíngues e indígenas sobre a constituição dos elementos emprestados, os aspectos que caracterizam a resistência à importação dos termos oriundos do Português; e, por outro lado, busca identificar os

elementos inseridos diretamente sem acomodação ou adaptação no sistema receptor (língua Krahô).

### 3. CONTATO ENTRE PORTUGUÊS-KRAHÔ: NOÇÕES PRELIMINARES

Para Braggio (1998) ocorrem diferentes variedades resultantes do contato entre línguas indígenas (Xerente, Kaingang, Krahô e Karajá) e a Língua Portuguesa. Segundo essa autora, no contato Karajá-Português diversos itens lexicais sofrem alteração fonético-fonológica de imediato como é o caso de Marié (Maria), outros como, por exemplo, “café” que inicialmente era pronunciada com /b/ e posteriormente com /f/, uma vez que o fonema [b] não existe na língua Karajá. Com isso Braggio (*idem*, 160-161) afirma que “(...) comunidades que utilizam duas línguas no seu cotidiano, não só **mudam de código** no seu discurso, como **emprestam** de uma língua para outra por razões linguísticas e extralinguísticas”.

Quanto à língua indígena Kaingang, a pesquisadora observou a adaptação fonológica e morfológica dos itens lexicais oriundos do português. Por exemplo, “**garinh**” e “**garinhfi**”. Estas palavras foram diferenciadas pelo marcador de gênero feminino “fi” correspondente ao “a” português. Em Krahô, em vez de escrever a palavra **saudade**, foi usado “**hapac xá**”. Dessa forma, os Krahô evitam a entrada da palavra tal como ela é em Português. Já, o povo Xerente usa a palavra diretamente do português tal como ela é, sem nenhuma adaptação fonológica, morfológica ou semântica. Como exemplo, Braggio cita que as palavras “**urso, leão, preguiça, zoológico, camelo**” entraram na língua Xerente sem quaisquer adaptações.

A autora conclui que a língua Xerente está prestes a perder seu lugar histórico de língua materna, pois foi constatado na pesquisa que esta é a que mais aceita as palavras da Língua Portuguesa da forma como são. Já a língua Krahô foi considerada a mais resistente. Braggio (1998, p.161-2) afirma “Tomando como ponto de partida os Krahô, vimos na pesquisa sociolinguística (BRAGGIO 1992b, 1995b) que é o grupo mais resistente à mudança linguística, ou seja, à superposição ou deslocamento dos domínios sociais do Krahô pela língua portuguesa”.

Ainda no mesmo trabalho foi observado também que o povo Xerente tem a maioria de suas crianças falantes do Português como língua materna, já os Krahô possuem a maioria das crianças falantes somente da própria língua. Este fator torna-se preponderante para pontuar a questão da morte ou não de uma língua. Inclusive, Braggio (*idem*, p. 163) afirma que no caso da língua Xerente, esse fato é “crítico para a sobrevivência da língua”.

Sobre a aprendizagem da língua pelas crianças de sociedade em condição minoritária, Romaine (1995) alerta para o fato de as pressões colaborarem para a aprendizagem da língua

de *status* da sociedade. “In the case of linguistic minorities children are usually under strong external pressure to learn the language of the society at large, and may also be under internal family pressure to keep the home language.” (ROMAINE, 1995, p. 25)

Com isso, pode-se perceber que em uma sociedade usuária de língua não oficial ao entrar em contato com povos falantes de uma língua de *status*, realizará suas manifestações linguísticas nos domínios sociais familiares de forma cada vez mais intensificada. As crianças tenderão a adquirir a língua de prestígio em grau cada vez mais acelerado. E nesse sentido, a intenção desse trabalho se perfaz em corroborar com o fortalecimento da língua Krahô, uma vez que se leva em consideração sua condição minoritária.

Apresenta-se também algumas considerações de Braggio (1998) sobre o contato de crianças com uma segunda língua.

“Em contextos situacionais bilíngues, a criança não só adquire uma ou mais formas de falar sua língua como também ampliará seu repertório linguístico com uma segunda língua, no nosso caso, o português, em uma ou mais de suas formas de falar e escrever. Também, como a criança monolíngue, terá ampliado seu repertório linguístico ao participar de atos e eventos de fala e de lecto-escrita em várias situações naturais ou as chamadas não naturais (na escola, por exemplo)”. (Braggio, 1997, p. 141).

A partir do olhar evidenciado por Braggio (*idem*), entende-se que as manifestações linguísticas das crianças são o ponteiro que sinaliza o estado de determinada língua, que conforme Couto (2009) tem a ver com a assimilação do grupo minoritário pela comunidade dominante a médio ou longo prazo. A partir desta abordagem, Couto (*idem*) trata dos tipos de contatos a partir do nível de assimilação da sociedade envolvente. Ou seja: a língua pode estar em estado de **obsolescência** ou moribunda; pode apresentar apenas **semifalantes**; ou estar apenas em estado **agonizante** ou ainda, de **atrição**; por outro lado, fica claro também que o contato com uma segunda língua pode ‘ampliar o repertório linguístico’, Braggio (*idem*) e Farias (2011). Assim, esse trabalho também reconhece a inexistência da homogeneização linguística e focaliza a importância do respeito à diversidade e aversão à defesa do purismo de línguas.

No entanto, cabe destacar que não são apenas as variáveis linguísticas que concorrem para a manutenção ou a perda de uma língua. Para Sousa Filho (2007, p. 77) ao citar Hamel (1998), Mori (1999), Romaine (1995) e Braggio (1998b) pontua a relevância de se observar a interferência determinante de outras variáveis extra-linguísticas neste processo tais como: ‘o tamanho do grupo, a mobilidade social, a concentração geográfica etc’. O autor aponta

também a atitude do falante como outro fator preponderante no processo de manutenção da língua fato.

Partindo desses pressupostos, convém salientar quão grande é a necessidade de um trabalho voltado para a compreensão da sistematização dos empréstimos linguísticos de L2 para L1; porém, devemos ter consciência de que somente o conhecimento deste aspecto não basta na luta pela manutenção linguística. Por outro lado, esse processo requer o entendimento de que tanto as variáveis linguísticas quanto as extra-linguísticas estão entrelaçadas e coexistem para a realização da língua. Isso é fator determinante e imprescindível para a validação das experiências linguísticas nos eventos comunicativos nos quais a língua Krahô veicula.

### **3.1 Tipologia dos Empréstimos Linguísticos do Português em Krahô (Jê): Considerações sobre suas Propriedades**

Atualmente, na língua Krahô, pertencente à família Jê oriunda do tronco linguístico Macro-Jê, (RODRIGUES, 1986 *apud* MESQUITA, 2009) encontram-se palavras que não faziam parte do universo linguístico deles. Para coletar os empréstimos organizamos um *corpus* de palavras pertencentes a diversos campos semânticos tais como escola, saúde, domicílio, esporte, números e outras relacionadas ao contexto urbano. Buscamos sistematizar as ocorrências de empréstimos de L2 para L1 observando os processos fonológicos e suas implicações para a manutenção da Língua Krahô.

a) **Empréstimos Diretos:** São inseridos da mesma forma que são pronunciados e escritos na língua doadora, sem sofrer quaisquer adaptações quando veiculados na língua importadora. Nesse sentido, essas ocorrências são percebidas pela sua forma de adoção em L1 uma vez que são apenas incorporadas ao sistema linguístico do povo Krahô.

Os números a partir do quatro (04) e seus derivados são empréstimos linguísticos de L2 para L1. São pronunciados e escritos nos domínios sociais causando o deslocamento da Língua Krahô e permitindo a predominância do Português, sem qualquer alteração morfofonológica ou semântica.

Todos os meses do ano são emprestados do português para a língua Krahô. E configuram-se como empréstimos diretos visto que são falados e escritos idênticos ao português.

Outros exemplos de empréstimos diretos são palavras relacionadas ao campo semântico ‘objetos/utensílios domésticos’ tais como: bolo, forma (de fazer bolo), fogão, barraca, lanterna, bola, tesoura.

b) **Empréstimos Semânticos:** Esse processo de estruturação do léxico configura-se como bastante produtivo quando corresponde ao empréstimo de significado, é um processo metonímico. Equivale à extensão semântica propiciando a noção do novo significado.

Segundo Ullman *apud* Fialho (1998) para significar uma nova concepção/ideia/objeto três condições são possíveis. Sejam elas:

- I- Criar uma outra palavra a partir de elementos já existentes;
- II- Importar um termo de uma outra língua ou de qualquer outra fonte; e, finalmente;
- III- Alterar o significado de uma palavra antiga, neste caso, incluem-se as extensões semânticas; fato este que implica uma ligação ou associação entre o nome antigo e o novo que está sendo estabelecido. (FIALHO, 1998, p. 21).

Diante dos pressupostos apontados, vejamos alguns exemplos de empréstimos linguísticos estruturados pelo aspecto semântico.

(1) ‘*mě carĩc xà jũrkwa*’ - [mẽ karĩk ʃʌ jũrkwa] = coisa + saúde + lugar+ casa / lugar-casa+de+curar doente (Krahô) = posto de saúde (port.)

(2) ‘*ampo cacô jakry re*’ - [ampɔ kako jakry rɛ] = coisa+ água + geladina (Krahô)= refrigerante (port.)

(3) ‘*ampo jarati*’ - [ãmpɔ jarati] = coisa+asas (Krahô) = avião (port.)

(4) ‘*ihkat kà*’ - [iʔkat‘ka] = parte do corpo que senta+ pele/couro (Krahô) = calça (port.)

(5) ‘*ihpore cajĩn*’ - [iʔpɔrɛ kajĩ] = dinheiro + miolo (Krahô) = moeda (port.)

(6) ‘*mě hapac-ti*’ - [mẽ xapak -ti]= coisa+orelha grande (Krahô) = orelhão (port.)

(7) ‘*cawar cahacre*’ - [kawar kaxa ‘krɛ]= cavalo+comum/simples/que anda (Krahô) = bicicleta (port.)

Ao analisar os aspectos morfossintáticos da língua Suyá (kĩsêdjê) da família Jê, Santos (1997, p. 40) afirma que “a possibilidade de vários elementos se juntarem para formar palavras é um processo bastante produtivo na língua (Suyá)”. Em Krahô, essa produtividade se manifesta nos eventos comunicativos (aniversário, conversas informais) acomodando ao léxico os conceitos novos a partir de elementos linguísticos pertencentes à L1.

c) **Empréstimos com adaptação fonético/fonológica.**

- Transformando /l/ em /r/ (velar), por exemplo:

(8) rãj - [rãj] = laranja

(9) rap - [rap] = lápis



(10) rĩm - [rĩm] = lima

(12) rimão - [ri'mãw] = limão

(11) [rejti jẽn] = leite ninho

(13) kawar - [ka'war] = cavalo

- Transformando /s/ em /tʃ/.

(14) 'xacor' - [tʃa'kɔr] = sacola

(16) 'xo' - [tʃɔ] = só

(15) 'xicar' - [tʃikar] = cigarro

(17) 'axuc' - [a'tʃuc] = açúcar

Em consonância com os exemplos acima, observa-se que os vocábulos emprestados passaram pelo filtro da língua. O grafema 's' correspondente ao fonema /s/ é inexistente na língua. Diante disso, os exemplos dados fazem perceber um esforço por parte dos Krahô para perpetuar os traços fonéticos e gráficos peculiares à língua materna. Nisso consiste a manutenção da língua Krahô.

Nesta perspectiva, pressupõe-se que a noção de porosidade dos limites da língua proposta por Correia (2008) representa adequadamente a condição de flexibilidade e adaptabilidade de uma língua viva devido ao contato entre povos. Deste modo, fica nítida a superação da noção de léxico enquanto sistema virtual, imutável e fixo.

A proposta de Rondeau (1984) *apud* Correia (2008, p. 54) em sua representação de léxico como um círculo com delimitações fatiadas em linhas contínuas dava a entender que a mobilidade de elementos linguísticos se efetiva apenas no interior da própria língua, ou seja, colocava em xeque a imprescindibilidade da ocorrência de empréstimos internos. Assim, em se tratando do objeto de estudo especificamente, a adaptação fonológica pressupõe a quebra das barreiras entre línguas fazendo notável a inserção de empréstimos da língua doadora à língua de acolhimento. Com isso, ocorre, por exemplo, a transformação de um fonema existente em Língua Portuguesa e inexistente na Língua Krahô (ver exemplos 8 a 17). Embora as adaptações fonéticas sejam feitas dentro dos padrões fonéticos de L1, pode-se notar que as fronteiras entre línguas são entendidas como porosas também em suas extremidades e não tracejadas apenas em seu interior. Sendo esta a abordagem sobre léxico apresentada por Correia (2008) concordamos e aplicamos a noção de flexibilidade/porosidade no âmbito das fronteiras das línguas.

As adaptações ocorridas fonologicamente em Krahô ocorreu pela transformação do /l/ por /r/. Nesse caso, o processo ocorreu por assimilação de uma lateral por uma velar no caso de 'cawar', por exemplo. Os empréstimos inseridos na língua indígena por esse viés de estruturação correspondem com o processo de fortalecimento da língua. Observe que ocorreu também o apagamento da vogal final outrora existente no português.

d) **Empréstimos lexicais por *loan blends***: Este fenômeno linguístico é designado como compostos que se estruturam por possuírem um nome emprestado do português e outro nome ou partícula pertencente à língua Krahô. Cabe-nos também observar a frequente justaposição do termo em português que passa a ter sua dimensão semântica modificada por morfema gramatical intensificador ou atenuador em Krahô, respectivamente *-ti* e *-rɛ*.

(18) rap ti -[rap – ti]

lápiz – AUM

lápiz grande

(19) rap re [rap - rɛ]

lápiz – DIM

‘lápiz pequeno’

(20) wapo re - [wapɔ - rɛ]

faca - DIM

‘faca pequena’

(21) wapo ti - [wapɔ - ti]

faca - AUM

‘faca grande’

(22) motto ti [moto – ti]

motor - AUM

‘motor grande’

(23) motto re - [moto - rɛ]

motor – DIM

‘motor pequeno’

A língua é aglutinante e dinâmica dada sua propriedade de dar significados a partir dos elementos que precisam ser designados com o advento de novas palavras, novos elementos culturais em contato. A língua Krahô, em sua condição minoritária, apresenta possibilidades de entradas dos empréstimos em várias situações. O texto a seguir mostra claramente esse aspecto.

**Citat kãm mã<sup>3</sup>**

---

3 Tradução do texto “Na cidade tem”: Na cidade tem dinheiro para trocar com dinheiro, também tem refrigerante, tem rua para os carros percorrerem. Tem moto. Tem cimento. Tem caminhonete, bicicleta e liga para amarrar as compras na bicicleta. Tem torre de luz (poste elétrico). Tem celular. E tem caminhão. Tem geladeira e dentro dela põe copo de qualquer coisa (água e outros). (Marcos Kôhehêhê Krahô – 7ª e 8ª série)

Citat kãm mã ampo mẽ ihpore to ihpan xá nẽ kãm **ampo cacô jahkre re** nẽ car ru, nẽ ihkôt capra, **mot** pra, nẽ kãm **ximêt**, nẽ ihpîn ca jô nã parkwý mẽ to pra nẽ kãm **picicret**, nẽ quê ha ipîn picicret jônã ric to ampo caypre, nẽ citat ita kãm tôhnu, nẽ kãm rux nẽ kãm **xerura**, nẽ kãm **parãw** nẽ kãm **camiãw**, nẽ kãm **xeratêr** quê há cop cam, kãm ampo xá. (Aluno: Marcos Kôhehêhê Krahô, 7ª e 8ª Séries)

Esse texto mostra aspectos interessantes dos empréstimos linguísticos do português em Krahô. Fica clara a existência de adaptações morfofonológicas, tais como ‘*xerura*’ (krahô) > ‘celular’ (port.). Trata-se de um caso de adaptação visto que na língua Krahô não existem os fonemas /s/ e /l/; assim, estes fonemas seguem uma lógica de realização fonética ao serem substituídos na língua Krahô por fonemas cuja produção se dá em ponto e modo de articulação aproximados, nesse caso /tʃ/ e /r/ respectivamente. Na palavra ‘*parãw*’ [pa‘rãw] a troca do fonema [b] e a letra correspondente que aparece em português pelo fonema [p] e seu grafema correspondente em Krahô, assinalam um percurso de substituição que auxilia no processo de manutenção da língua. Já no caso de ‘*ampo cacô jakry re*’ nota-se a resignificação de termos já existentes na língua para referir-se a um novo elemento que está sendo estabelecido na cultura Krahô: ‘refrigerante’. Por meio dessas análises, nota-se a reestruturação da língua pelo povo Krahô para mantê-la viva e em funcionamento nos domínios sociais.

## Reflexões Finais

Ao longo deste trabalho buscou-se traçar as características subjacentes ao processo de inserção dos empréstimos linguísticos do português em Krahô, descrevê-las e analisá-las.

Cabe ressaltar que estamos apenas no início desta pesquisa. Obviamente ainda temos mais a descobrir sobre o povo Krahô e o processo de manutenção da língua que lhes serve não somente como instrumento de comunicação, mas também como fator imprescindível para estar em contato com a realidade e nela inserir-se. Assim, observamos ainda que a língua Krahô não está em vias de morte, pelo contrário, continua viva na fala das crianças indígenas. Com isso, concluímos que esta língua não necessita ser revitalizada, porém, deve haver um olhar que contribua para a sua manutenção. E esse papel requer um esforço mútuo e contínuo (de professores, dos jovens e das autoridades indígenas e não indígenas).

Não temos dúvida de que o resultado de nossa pesquisa que ora apresenta-se apenas em seu estágio inicial trará valorosas contribuições para a educação escolar bilíngue e intercultural visto que os empréstimos linguísticos perfazem um aspecto relevante do contato linguístico. Acreditamos também que nesse espaço de tempo trouxemos um *corpus* que dá

base para uma classificação segura e consistente dos empréstimos observados, descrevendo a estruturação de seus elementos e contribuindo para o trabalho docente relacionado aos empréstimos linguísticos de L2 para L1 enquanto aspecto relevante da língua que deve ser notado e sistematizado para estudo e conhecimento por parte dos usuários da língua Krahô.

Percebemos que o contato entre os indígenas falantes da língua Krahô e os falantes da língua Portuguesa trouxe elementos culturais que não faziam parte dos primórdios históricos do povo indígena. Com isso, os empréstimos linguísticos entraram no vocabulário Krahô. Por outro lado, percebemos também que esse contato entre povos é uma constante. Assim, esse fenômeno conseqüentemente terá uma expansão maior e seus efeitos serão sentidos além dos aspectos aqui levantados. Portanto, continuamos a nos perguntar: O povo Krahô vê isso como fator positivo, negativo ou inevitável? Que impressões os mais velhos imprimem sobre esse fenômeno linguístico? O uso dos empréstimos linguísticos nos domínios sociais é manifestado com a mesma intensidade pelos homens e pelas mulheres? Que práticas escolares estão sendo empreendidas para influenciar na questão dos empréstimos linguísticos e sob que(ais) perspectiva(s) se assenta(m)?

Essas e outras inquietações continuam a nortear esse processo investigativo e darão o tom que mobilizará os nossos passos em trabalhos futuros.

Assim sendo, esta pesquisa é fundamental para os estudos sociolinguísticos, uma vez que serve como base para as reflexões acerca do fortalecimento linguístico do povo krahô e de fonte de análise e estudo para os pesquisadores quanto ao contato de línguas. Nesse caso, constatou-se que a ocorrência dos empréstimos linguísticos está vinculada também às questões socioculturais e ao ecossistema no qual este povo indígena manifesta suas interações comunicativas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista. *Situação Sociolinguística dos Krahô de Manoel Alves e Pedra Branca: uma contribuição para a educação escolar* – Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (Dissertação). Araguaína: [s.n], 2012. 180 p.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé*. – 2007. 255 f. Orientadora: Maria Jussara Abraçado de Almeida. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2007.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges & ALMEIDA, Severina Alves de. *Educação Escolar indígena e diversidade cultural*. – Goiânia: Ed. América, 2012. 369, p.: 22 cm.

\_\_\_\_\_. *Etnografia e Observação Participante: O trabalho de campo e a pesquisa qualitativa no Contexto indígena Apinayé*. – Severina Alves de Almeida (Sissi) / Francisco Edviges Albuquerque / Ana Paula Aoki In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges & ALMEIDA, Severina Alves de. Educação Escolar indígena e diversidade cultural. – Goiânia: Ed. América, 2012. 369, p.: 22 cm.

ALMEIDA, Severina Alves de. *A educação escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico*. – Goiânia: Ed. América, 2012. 227 p.: 22 cm.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. BOOKMAN COMPANHIA EDITORA LTDA, 2009, p.138.

BIGONJAL-BRAGGIO, Silvia Lucia. *Aquisição e uso de duas línguas: Variedades, mudança de código e empréstimo*. In: Revista do Museu Antropológico. Vol. 2. N. 1. P. 1-152. Jan/dez, 1998.

BRIGHT, William. *As dimensões da Sociolinguística*. In: Sociolinguística. Coleção Enfoque. Maria Stella Vieira da Fonseca e Moema Facure Neves (Orgs.). Editora : Eldorado, 1974.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos Linguísticos*. Série Princípios. Editora Ática. São Paulo: 1989.

CORREIA, Margarita. *Para a Compreensão de ‘empréstimo interno’: primeira abordagem*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Maria José Bocorny (Org.) – *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. volume IV, Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2008.

CRISTÓFARO SILVA & OLIVEIRA, Thaís; Marco Antonio de. *Variação do “r” pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária*. In: Letras de Hoje, nº 1, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1967.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. Colaboradora: Daniela Oliveira Guimarães. Maria Mendes Cantoni. – São Paulo: contexto, 2011.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Empréstimos linguísticos: o debate continua*. Revista de Letras – Vol. 30 – ¼ - jan. 2010 / dez. 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Maria José Bocorny (Org.) – *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. volume IV, Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2008.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *Codeswitching: Uma estratégia discursiva de bilíngues*. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás. 1996.

MESQUITA, Rodrigo. *Empréstimos Linguísticos do Português em Xerente Akwe*. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio. (Dissertação). Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, 2009.

MIRANDA, Maxwell Gomes. *As nominalizações da sintaxe da Língua Krahô (Jê)*. – 2010. 96 f.: Orientadora: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. (Dissertação) – Universidade de Brasília; Instituto de Letras; Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas; Programa de Pós-Graduação em Linguística.

MONTEIRO, José Lemos. *Influências e Domínios de uma Língua sobre Outra(s)*. Matraca, Rio de Janeiro, v. 17, n. 26, jan/jun. 2010.

PACHECO, Frantomé. *O Ikpeng em Contato com o Português: Empréstimo Lexical e Adaptação Linguística*. *Papia*, nº 15, p. 121-133, 2005.

REVISTA DO MUSEU ANTROPOLÓGICO. Universidade Federal de Goiás. Museu Antropológico. V. 2. n. 1. P. 1-152. Jan/dez. 1998.

ROMAINE. Suzanne. *Bilingualism*. Second Edition. Editora Blackwell, 1995.

SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. *Descrição de aspectos morfossintáticos da língua suyá (kĩsêdjê) família Jê*. Orientadora: Profª. Dra. Lucy Seki (IEL/ UNICAMP) Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. – 1997.

SILVA FIALHO, Maria Helena Sousa da. *Neologismos em Karajá*. Rio de Janeiro. 1998.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. – São Paulo : Contexto, 2011.

SOUSA & ALBUQUERQUE, Jane Guimarães; Francisco Edviges. Glossário bilíngue Krahô/Português: *Uma contribuição para o fortalecimento da língua Krahô*. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges & ALMEIDA, Severina Alves de. *Educação Escolar indígena e diversidade cultural*. – Goiânia: Ed. América, 2012. 369, p.: 22 cm.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)*. – 2007. 327 f.: Il. tabs., figs. Orientadora: Profª. Dra. Silvia Lucia Bingonjal Braggio. (Tese Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2007.